

***HORIZONTES DE GLÓRIA (PATHS OF GLORY), DE STANLEY KUBRICK,
ESTADOS UNIDOS, 1957***

Por João Camacho

Há precisamente 100 anos (completados no dia 28 de Junho de 2014), o activista político Gavrilo Princip, membro da «Mão Negra» (também conhecida como «Unificação ou Morte»; em colaboração com outros activistas), organização sérvia de carácter nacionalista, dispara sobre o arquiduque Franz Ferdinand, vitimando desta forma o herdeiro do Império Austro-Húngaro. Um mês depois, na sequência de um extenso ultimato feito pelo Império, que a Sérvia recusou observar na totalidade, os Austríacos declararam guerra ao país balcânico. Foi este acto que catalisou as diversas tensões geopolíticas, espoletando sucessivas declarações de guerra que desencadearam a Primeira Guerra Mundial, originando, na Europa dos nacionalismos, numa Europa excessivamente «confiante» na improbabilidade de um conflito global após mais de quatro décadas de contínuos desenvolvimentos técnicos e convivência «pacífica», uma contenda que vitimou cerca de dez milhões de pessoas, desalojou e/ ou desestruturou as vidas de outras dezenas de milhões, para além de ter lançado alguns dos principais alicerces do segundo e (ainda) mais sangrento tumulto militar, à escala mundial.

É em 1957, ainda com todas as consequências dos eventos militares bem presentes na geração de então (não era preciso ser muito velho para ter «vivido» duas guerra mundiais!), que o jovem Stanley Kubrick, em fase de afirmação, aceita o convite de Kirk Douglas feito através da sua companhia de produção Bryna, para dirigir e escrever *Paths of Glory*, baseando-se no romance homónimo de Humphrey Cobb (de 1937).

A acção desenrola-se na França, em 1916 (as filmagens decorreram na Alemanha), numa fase em que o «furor» militarista da «guerra relâmpago» havia esmorecido, sobretudo na opinião pública, em virtude do imobilismo que caracterizou largos períodos da «Frente ocidental». O absurdo das posições é sentido, no filme, pelas alusões ao «optimismo» das tropas, que remetia, no fundo, para avanços territoriais insignificantes e temporários. Não obstante, o jogo militar esboçava-se na rectaguarda. Na reunião inicial giza-se um plano para conquistar a Ant Hill, um pequeno monte a meio caminho da «terra de ninguém» (locais que ficaram conhecidos como as «colinas

dos cem mil mortos»), entre as linhas de trincheiras de ambos os oponentes. A guerra havia chegado a um impasse, muito devido às insuficiências técnicas da indústria militar no fornecimento de soluções eficazes para transpor esse método de posicionamento. Porém, era necessário manter a «máquina» a funcionar: «Achamos que estamos a fazer um bom trabalho a comandar esta guerra», diz o general Broulard (Adolphe Menjou) ao coronel Dax (Kirk Douglas) ao transmitir-lhe o plano de uma ofensiva pejada de irrealismo. O desastre é inevitável: o ataque gora-se, os soldados batem em retirada e, para espanto de Dax, os sobreviventes são acusados de cobardia e três deles condenados à morte, servindo de exemplo para futuros recalcitrantes e ajudando a encobrir a incompetência do oficial.

O filme consiste num retrato satírico, não só da desumanidade intrínseca da própria guerra, mas principalmente do exército francês e dos seus oficiais superiores (integrados no lado «bom» da contenda), que por sua vez se viam confrontados, em 1957, com graves problemas pelas notícias de torturas e massacres na caótica guerra da Argélia. Naturalmente, o filme é censurado em França (e em Portugal), tendo sido exibido apenas na década de 70. Mas a sátira vai mais longe. A *Marselhesa* colocada na abertura do filme dá o mote para o que constituiu o grande impulsionador das «massas» para a guerra, o «instinto de manada» citado pelo major Saint-Auban (Richard Anderson), parafraseando a expressão de Friedrich Nietzsche (em que este designa uma moral específica, inerente a uma grupo, que dispensa qualquer moral individual que não esteja em consonância com a comunidade), é na verdade, aqui, a aderência cega ao *patriotismo*. O patriotismo é o grande engodo nesta *real politik*, aqueles três homens não morreram pela pátria (curiosa a cena da execução, em que a disposição dos condenados, a presença do padre e dos símbolos religiosos remete para um qualquer tribunal inquisitório), antes acabam por ser vítimas dos seus próprios compatriotas.

A execução tem efeitos nas «massas» de soldados, mas Dax compreende e confronta o general Mireau (George Macready), a quem se devia a irresponsável acção: «O patriotismo é o último refúgio de um canalha». Foi Samuel Johnson (1709-1784), um religioso e conservador escritor britânico, quem o disse, alertando, no século XVIII, ainda antes da Revolução Francesa, para os perigos da instrumentalização *desse* patriotismo, destrinchando-o do genuíno amor à pátria. No final, o desrespeito à hierarquia (que por si se opõe à aprazível fraternidade que, essa sim, agrada ao espírito humano – veja-se os dois únicos momentos de alegria em todo o filme, no contacto com

as mulheres e a música), não tem resultados práticos: Dax volta à frente de batalha, conduzindo outros soldados num gesto que se adivinha suicida. Quanto ao general Mireau, ficamos sem saber qual o seu destino, mas na obra de Humphrey Cobb há alusões a um general Géraud Réveillac que, não obstante ter ordenado a um comandante que disparasse sobre parte das suas tropas após um ataque falhado a uma posição alemã, acabou condecorado no final da guerra.

Na senda de outras obras como *J'Accuse*, de Abel Gance (1919), *The Big Parade*, de King Vidor (1925), ou do aclamado *All Quiet On The Western Front*, de Lewis Milestone (1930), *Paths of Glory* é um importante filme anti-militarista, de um realizador que dedicaria ainda outra obra à temática com *Full Metal Jacket*, de 1987. O estilo de Stanley Kubrick está já, em *Paths of Glory*, bem delineado. Tecnicamente, o uso dos *travellings* descritivos (especialmente o que acompanha a visita do general Mireau às trincheiras, onde interroga alguns soldados, entre eles os futuros fuzilados, o que leva os condenados ao poste de execução) e da grande angular (o julgamento, as cenas de batalha), a atenção à fotografia e à iluminação (a exploração da luz solar no julgamento e na execução, e das sombras e contrastes na cenas da prisão e do ataque falhado à trincheira inimiga), mostram traços característicos da sua realização, para além de ter proporcionado determinadas inovações (nomeadamente nos referidos *travellings*). A temática, sobretudo, pelo impacto e escândalo (à altura) é também um dos seus mais importantes e transversais registos.

Marcando o centenário do início da Primeira Guerra Mundial, esta é uma importante obra cinematográfica que prescrevemos à memória histórica.

BIBLIOGRAFIA

HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos: história breve do século XX: 1914-1991*, Lisboa: Presença, 2002.

KROHN, Bill, *Masters of Cinema: Stanley Kubrick*, London: Phaidon Press, 2010.

23 de Junho de 2014